

Avaliação social das realizações [z, ʒ] de fricativa pós-vocálica diante de soantes coronais na comunidade de fala potiguar (RN)

Social Evaluation of [z, ʒ] Realizations of Postvocalic Fricative Followed by Coronal Sonorants in the Potiguar Speech Community (RN)

Gabriel Sales Duarte Bezerra
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Rio de Janeiro | RJ | BR
FAPERJ | CAPES
gabriel-sales@outlook.com
<https://orcid.org/0000-0001-9205-3334>

Eliete Figueira Batista da Silveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Rio de Janeiro | RJ | BR
elietesilveira@letras.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0001-6928-2614>

Resumo: Este trabalho objetiva descrever o valor social das realizações [z] e [ʒ] do arquifonema fricativo diante de soantes coronais /n, l/ na fala do Rio Grande do Norte (RN). Alinhados aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), organizamos amostra de dados de percepção coletados por meio de um questionário de atitudes linguísticas, elaborado de acordo com a técnica de falsos pares (Lambert *et al.*, 1960) e hospedado na plataforma *Google Forms*. A amostra analisada contém respostas de 76 indivíduos a 8 escalas de atributos, distribuídos nas categorias de *competência, integridade pessoal, atratividade social e associação geográfica*, além de uma *escala de similaridade de fala* e de *tarefas de atribuição de escolaridade, faixa etária, atividade profissional e naturalidade*. A análise é realizada pelos métodos de regressão logística ordinal e multinomial, com uso dos pacotes *ordinal* (Christensen, 2019) e *mclogit* (Elff, 2022), executados no *software R* (R Core Team, 2022). Os resultados indicam que as avaliações das realizações fonéticas de fricativa variam de acordo com o segmento subsequente. Diante de /n/, contexto em que parece haver predominância de formas palatais na fala do RN, as realizações [z, ʒ] são, no geral, equilibradamente avaliadas. Em contrapartida, diante de /l/, contexto em que a palatalização parece ser ainda pouco produtiva, é indicada preferência pela realização alveolar como marca da identidade regional, embora não seja registrada estigmatização da palatal.



Palavras-chave: avaliação social; sociolinguística; palatalização.

Abstract: This paper aims to investigate the social meaning of the realizations [z] and [ʒ] of the fricative archiphoneme before coronal sounds /n, l/ in the speech of Rio Grande do Norte (RN). Based on the theoretical and methodological assumptions of Sociolinguistics (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), we organized a sample of perception data collected through a questionnaire of linguistic attitudes, prepared according to the matched-guise technique (Lambert *et al.*, 1960) and hosted on the Google Forms platform. The analyzed sample contains responses from 76 individuals to 8 attribute scales, distributed in the categories of competence, personal integrity, social attractiveness and geographic association, in addition to a scale of speech similarity and assignment tasks of educational level, age group, professional activity and hometown. The analysis is performed by ordinal and multinomial logistic regression methods, using the ordinal (Christensen, 2019) and *mclogit* (Elff, 2022) packages, executed in the R software (R Core Team, 2022). The results indicate that evaluations of the phonetic forms of /S/ vary according to the subsequent segment. When followed by /n/, a context in which the palatal form seems to be predominant in the speech of the community, the realizations [z, ʒ] are, in general, equally evaluated. On the other hand, in front of /l/, a context in which palatalization is apparently not very productive, a preference for the alveolar realization is indicated as a mark of regional identity, although there is no record of stigmatization of the variant [ʒ].

Keywords: social evaluation; Sociolinguistics; palatalization.

1 Introdução

A realização fonética do arquifonema /S/ na fala do estado brasileiro do Rio Grande do Norte parece estar sujeita a um processo dissimilatório regulado pelo Princípio de Contorno Obrigatório (OCP), que evita a sequência de segmentos coronais com especificações articulatorias [+anterior] [-distribuído]. Em outras palavras, são bloqueadas sequências fonéticas de segmentos alveolares, um em coda, /S/, e outro em *onset*, a exemplo do que ocorre na produção das palavras *estrada*, *esdrúxulo*, *esnobe* e *desligar*. Em contextos fonético-fonológicos como os especificados, os traços [+ant] e [-dist] da consoante em coda podem ter seus valores convertidos em [-ant] e [+dist], resultando em uma produção palatal [], que se diferencia articulatoriamente do segmento em *onset*, alveolar. A literatura sociolinguística evidencia que, sincronicamente, esse processo parece ser categórico diante dos segmentos /t, d/ (*estrada*, *esdrúxulo*). No entanto, diante de soantes alveolares /n, l/ (*esnobe*, *desligar*), a produção de /S/ é ainda variável, com aparente predominância de realizações palatais diante de /n/ e de alveolares diante de /l/ (Pessoa, 1986; 1991; Cunha; Sales, 2020; Cunha; Silva, 2019).

Considerando a competição identificada entre as realizações [z] e [ʒ] diante de soantes, este trabalho objetiva descrever a avaliação social desses correspondentes fonéticos na fala da comunidade potiguar, a fim de contribuir para o mapeamento do papel do componente subjetivo sobre possíveis processos de mudança em relação à produção de /S/ no Rio Grande do Norte. Para isso, partimos do arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), segundo o qual a variação é assumida como um aspecto ordenado e inerente ao sistema linguístico, que condiciona a variabilidade em conjunto com fatores de natureza social. A discussão proposta é centrada no *Problema da Avaliação*, que remete à sistematização de *atitudes* frente às formas linguísticas, sob a perspectiva de que atitudes positivas ou negativas associadas a determinadas variantes podem estimular ou retrair processos de mudança em favor de uma delas. Nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a determinação de atitudes linguísticas é uma face *essencial* dos estudos variacionistas, por sua capacidade de contribuir para o *desenvolvimento* ou para a *obsolescência* de uma variante ou mesmo de um sistema. Logo, compreender como valores sociais são indexados às formas linguísticas é um dos passos necessários à compreensão do mecanismo de mudança.

À exceção desta introdução, este texto apresenta a seguinte estrutura: na seção 2, são apresentados os procedimentos de coleta e análise de dados. Nas seções de 3 a 7, apresentamos os resultados da análise, que são discutidos na seção 8. Por fim, na seção 9, resumizamos as conclusões do estudo, que, por sua vez, são seguidas das referências.

1 A representação fonológica de segmento fricativo em posição de travamento silábico no PB é objeto de ampla discussão. De um lado, há a clássica perspectiva de Camara Jr. (2015 [1970]), que postula a representação das formas fonéticas [s, z, ʃ, ʒ] em posição de coda pelo arquifonema /S/, subespecificado em relação a ponto de articulação e a vozeamento. Albano (1999), por outro lado, elenca mais possibilidades interpretativas, como a proposta de Leite (1974), que assume a representação /s/, e a de Lopez (1979), que assume /z/. Callou, Moraes e Leite (2013), por sua vez, alternam menções à forma abstrata de consoante fricativa como /s/ e como -s pós-vocálico. Neste trabalho, alinhamos nossa terminologia à de Camara Jr. (2015 [1970]), sem compromisso com as concepções teóricas estruturalistas, por não haver pretensão de discutir a representação fonológica, mas aspectos subjetivos relacionados às realizações fonéticas de consoante fricativa em coda, dentro de um paradigma sociolinguístico.

2 Metodologia

Duas são as hipóteses que guiaram este trabalho: 1. diante de /n/, atitudes mais positivas são associadas à variante palatal –ro[ʒ]nar– e 2. diante de /l/, a forma alveolar –de[z]ligar– é mais positivamente avaliada por falantes naturais da Região Metropolitana de Natal, enquanto a produção palatal –de[ʒ]ligar– indicia valores mais positivos para os falantes naturais do interior. Ambas as hipóteses são derivadas das descrições de Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020), que sugerem que a palatalização diante de soantes é menos produtiva na fala da capital do estado, Natal, em comparação à da cidade de São José de Mipibu, que é menos metropolitana. Dessa constatação, surge a expectativa de que a forma [ʒ] seja mais característica da fala do interior do estado, hipótese que parece ser corroborada pela observação do fenômeno na comunidade.²

Para aferir as hipóteses apresentadas, quatro estímulos sonoros foram produzidos, um par envolvendo a sequência /S/ + /n/ e outro, /S/ + /l/. Os membros de cada par se diferenciam pela produção alveolar e palatal da fricativa, conforme configuração da técnica de falsos pares (Lambert *et al.*, 1960). Além disso, cada estímulo abarca duas ocorrências da sequência a que se refere, uma em ambiente interno à palavra (desleixada) e outra em contexto de junctura (as luzes). O conteúdo dos estímulos é reproduzido abaixo, no Quadro 1, com transcrição fonética dos contextos linguísticos relevantes.

Quadro 1 – grupo de estímulos envolvendo /S/

Produção palatalizada	Produção alveolar
Ele[ʒ] [n]ão tomam leite de[ʒ][n]atado porque acham que tem gosto ruim.	Ele[z] [n]ão tomam leite de[z][n]atado porque acham que tem gosto ruim.
Eu sou muito de[ʒ][l]eixada com água. A médica já disse que eu preciso beber doi[ʒ] [l]itros por dia, mas sempre esqueço.	Eu sou muito de[z][l]eixada com água. A médica já disse que eu preciso beber doi[z] [l]itros por dia, mas sempre esqueço.
O cachorro ro[ʒ][n]ou tanto pros carteiro[ʒ] [n]aquela semana que agora não querem voltar mais aqui.	O cachorro ro[z][n]ou tanto para os carteiro[z] [n]aquela semana que agora não querem voltar mais aqui.
Eu tinha esquecido de de[ʒ][l]igar a[ʒ] [l]uzes, aí tive que voltar o caminho todo pra apagar.	Eu tinha esquecido de de[z][l]igar a[z] [l]uzes, aí tive que voltar o caminho todo pra apagar.

Fonte: elaborado pelos autores

Os áudios foram gravados por dois voluntários, um homem e uma mulher naturais do RN com idades entre 20 e 30 anos.³ As gravações foram acompanhadas remotamente pelos pesquisadores e passaram por conferências de oitiva e acústica, além de regravações, conforme a necessidade. Após esses processos, os áudios foram anexados a um questionário de atitudes, hospedado na plataforma *Google Forms*. A composição do questionário envolveu oito *escalas de atributos*, uma escala de *similaridade de fala* (para avaliação, pelo informante, do

² Hipótese em teste na pesquisa de doutoramento do autor Gabriel Sales, sob orientação da autora Eliete Silveira.

³ A participação tanto de ledores voluntários quanto de informantes foi regida por procedimentos éticos e metodológicos aprovados pelo Comitê de Ética da UFRJ, por meio do parecer 5140083.

grau de semelhança entre o estímulo ouvido e sua própria fala) e tarefas de atribuição de *faixa etária*, *escolaridade*, *atividade profissional* e *naturalidade*. Do instrumento de coleta, portanto, resultam 13 variáveis dependentes⁴, cujos níveis são apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – variáveis dependentes do estudo

VARIÁVEIS DEPENDENTES	
<i>1. Escalas de atributos</i>	
a) Competência	Inteligente Desenrolado ⁵
b) Integridade pessoal	Honesto Orgulhoso
c) Atratividade social	Elegante Simpático
d) Associação geográfica	Interiorano Potiguar
<i>2. Atribuição de características</i>	
a) Faixa etária	Adolescente 20 30 40 50 anos ou mais
b) Grau de escolaridade	Fundamental Médio Superior
c) Atividade profissional	Auxiliar de limpeza Recepcionista Enfermeiro Médico.
d) Naturalidade	Outra UF Caicó, Angicos ou Pau dos Ferros Macaíba, Extremoz ou São José de Mipibu Natal, Parnamirim ou São Gonçalo do Amarante
<i>3. Escala de similaridade de fala</i>	

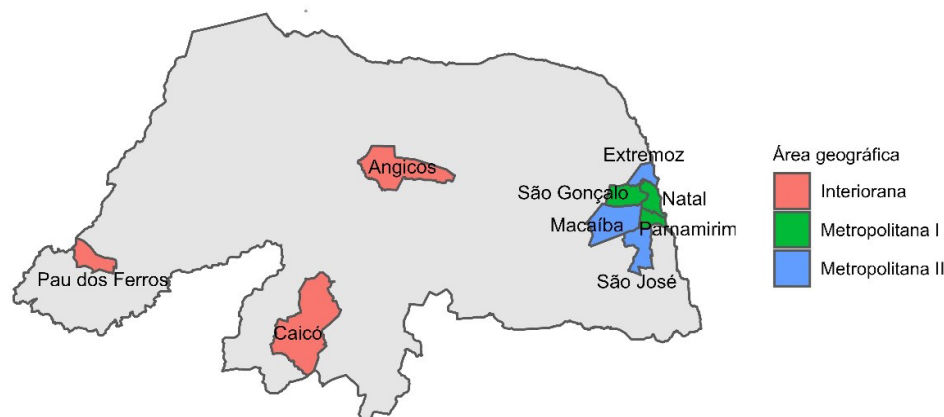
Fonte: elaborado pelos autores

As *escalas de atributos* e a de *similaridade de fala* foram apresentadas aos informantes no formato de escala de seis pontos, variando de *pouco* a *bastante* aplicável à categoria avaliada. No processo de análise, contudo, simplificamos seus níveis em três. Com essa adaptação, respostas nos níveis 1 e 2 foram recodificadas como *pouco*; 3 e 4, como *neutro* e 5 e 6, como *bastante* aplicável. Recodificações também foram feitas nas rotulações dos níveis de *naturalidade*, que, originalmente, foram apresentadas aos participantes como agrupamentos de cidades do estado, em um contínuo interior-metrópole. A Figura 1 ilustra a distribuição geográfica dos conjuntos de cidades e sua correspondência com os rótulos adotados na análise.

⁴ Tradicionalmente, em estudos de produção linguística, a variável dependente assumida é a forma linguística estudada e suas variantes (por exemplo, as realizações [ʒ] e [z] de /S/ em determinado contexto). Essa configuração metodológica é motivada pelo fato de, em estudos dessa natureza, haver o interesse de observar se a realização linguística é favorecida por alguma das variáveis independentes/previsoras analisadas. Neste trabalho, que se configura como um estudo experimental de avaliação sociolinguística, as variáveis dependentes adotadas em cada análise são as respostas dos indivíduos aos instrumentos de pesquisa. Porque vários instrumentos foram aplicados e individualmente analisados, o estudo conta com 13 variáveis dependentes. Essa é a motivação para a conformação apresentada no Quadro 2. Tal configuração permite que seja avaliado, entre outras coisas (cf. Quadro 3), se as respostas dos participantes variam em função das realizações fonéticas de /S/.

⁵ Indivíduo com boa desenvoltura em situações sociais diversas.

Figura 1 – distribuição geográfica dos agrupamentos de cidades



Fonte: Bezerra (2023, p. 50)

Na conformação apresentada, as categorias correspondentes às áreas Metropolitana I e Metropolitana II dizem respeito a municípios que, formalmente, são constituintes da Região Metropolitana de Natal, mas que, aparentemente, são interpretados pelos membros da comunidade como mais interioranos⁶. A divisão da Área Metropolitana em dois grupos, portanto, visa à verificação da possibilidade de estabelecimento de áreas dialetais subjetivamente delimitadas com base na indexação social das realizações de /S/.

A coleta de dados foi efetivada entre 30 de março e 10 de abril de 2022. Ao todo, respostas de 92 informantes foram registradas. No entanto, dados de 16 indivíduos foram removidos da análise, observando os seguintes critérios: 1. desequilíbrio da amostra em relação à escolaridade dos participantes, que compeliu o estudo à análise apenas de dados de potiguares com nível superior; 2. registro de respostas por sujeitos que não viveram, pelo menos, 2/3 de sua vida no RN e 3. evidentes erros no preenchimento do perfil sociodemográfico, motivados, por exemplo, por falhas de digitação.

As respostas dos 76 informantes compiladas na amostra final foram analisadas pelos métodos estatísticos de regressão logística ordinal e multinomial. O primeiro método foi aplicado às *escalas de atributos*, à *escala de similaridade de fala* e às tarefas de atribuição de *faixa etária*, *escolaridade* e *atividade profissional*, por haver ordenação intrínseca entre seus níveis (por exemplo, em uma escala de escolaridade, o nível *médio* está necessariamente abaixo do *superior*). Já o segundo método foi aplicado à tarefa de atribuição de *naturalidade*, por ser uma variável não binária e não ordinal. Todos os modelos estatísticos foram computados na plataforma R (R Core Team, 2022), respectivamente, com as funções *Clmm*, do pacote *Ordinal* (Christensen, 2019), e *Mblogit*, do pacote *Mclogit* (Elff, 2022).

A interpretação dos coeficientes desses tipos de análise é feita principalmente por seus sinais: os positivos indicam favorecimento e os negativos, desfavorecimento. Maiores detalhes interpretativos são apresentados no decorrer das análises. A comparação entre modelos, isto é, a escolha das variáveis que os integram, foi feita por Testes de Estimativas por Máxima Verossimilhança, com a função *anova*. Variáveis cujos modelos não indicaram varia-

⁶ Hipótese gerada a partir da observação e do convívio com a comunidade.

ção de acordo com o fenômeno linguístico estudado foram posteriormente submetidas ao teste de qui-quadrado, apenas para possibilitar a apresentação de resultados mais concretos, já que a interpretação via modelos de regressão *pode* parecer demasiadamente abstrata ao leitor não habituado. Esse teste avalia a existência de associação entre dois grupos, no nosso caso, entre nossas variáveis dependentes e a realização de /S/. Um resultado que não atinja o nível de significância, *i. e.*, $p > 0.05$, é indicativo de que as realizações alveolar e palatal do arquifonema não indiciam o valor social associado à variável dependente em questão – por exemplo, determinada *escolaridade* ou *profissão* (cf. Quadro 2) –, uma vez que o resultado não revela associação entre formas fonéticas de /S/ e as respostas ao instrumento (cf. seção 3).

As variáveis predictoras consideradas nas análises estatísticas são, além da realização de /S/ e do gatilho segmental do OCP, as informações sociais dos participantes da pesquisa, fornecidas na primeira etapa de preenchimento do questionário de coleta de dados. No Quadro 3, explicitamos essas variáveis e seus respectivos níveis, com destaque, no caso de variáveis nominais, para os níveis de referência (valores de aplicação).

Quadro 3 – variáveis predictoras da análise de percepção de fricativa

VARIÁVEIS PREVISORAS	NÍVEIS
Realização de /S/	Alveolar Palatal
Consoante coronal seguinte a /S/	Nasal Líquida
Sexo do informante	Feminino Masculino
Área de formação	Letras Outras ⁷ Não informada
Naturalidade	Região metropolitana de Natal Interior do RN Outra UF
Idade	19 a 66 anos
Tempo de residência	0 a 64 anos
Área de residência	Região metropolitana de Natal Interior do RN Outra UF

Fonte: elaborado pelos autores

Elucidados os procedimentos metodológicos adotados, passemos, adiante, à análise das respostas coletadas.

3 Variáveis não significativas

Das variáveis dependentes da pesquisa, não se mostraram relevantes para a indexação social das realizações de /S/ 1. as escalas dos atributos *inteligente*, *desenrolado* e *elegante* e 2. as tarefas de atribuição de *escolaridade* e *atividade profissional*, uma vez que os modelos de regressão ordinal construídos para essas variáveis não incluíram a variável estrutural *realização de /S/*. A

⁷ Indivíduos de diferentes áreas de formação mostraram comportamento similar, motivo da amálgama sob a categoria “outras”.

decisão pela não inclusão desses previsores advém dos resultados dos testes de estimativa por máxima verossimilhança, os quais não identificaram diferença estatisticamente significativa entre os modelos que abarcam e os que desconsideram as mencionadas variáveis de natureza linguística no cálculo de suas previsões. Diante dessa situação, é escolhido o modelo mais simples, ponderando economia analítico-descritiva e qualidade explicativa da variação dos dados.

A não relevância da referida variável para a delimitação do valor social de [z,] é confirmada pelos testes de qui-quadrado exibidos abaixo, na Tabela 1.⁸ Esse tipo de análise univariada avalia a associação entre grupos, nesse caso, entre as respostas dos informantes e a variável estrutural *realização de /S/*. Como disposto na tabela, os valores de *p* dos testes não atingem o nível de significância, *i. e.*, estão acima de 0.05. Consequentemente, é confirmada a ausência de associação entre as variáveis comparadas e validada a interpretação de que as realizações do arquifonema fricativo não indiciam indivíduos mais ou menos *inteligentes, desenrolados, elegantes, escolarizados* ou *que desempenham atividades profissionais mais ou menos prestigiadas*.

Tabela 1 – testes de qui-quadrado em função da *Realização de /S/*

Variável	Realização de /S/ (χ^2)	Valores de p	Graus de liberdade
Inteligente	2.96	0.22	2
Desenrolado	0.83	0.65	2
Elegante	0.45	0.79	2
Escolaridade	0.32	0.84	2
Atividade Profissional	0.88	0.82	3

Fonte: elaborado pelos autores

Adiante, analisamos as demais variáveis dependentes da pesquisa, cuja variação pôde ser explicada sob a influência (significativa ou não) das variáveis linguísticas em consideração, a fim de identificar possíveis diferenças avaliativas, a depender da realização alveolar ou palatal de /S/ e do contexto fonético-fonológico seguinte, nesse caso, as consoantes /n/ ou /l/. Na sequência, mobilizamos os resultados dessas análises, a fim de estabelecer generalizações sobre a indexação social das realizações de /S/ no RN.

4 Escalas de atributos

Iniciamos a análise das respostas às *escalas de atributos* associadas às produções de /S/ pela categoria de *integridade pessoal*, que compreende os atributos *honesto* e *orgulhoso*. O modelo de regressão para a primeira dessas categorias está disponível na Tabela 2, em que as variáveis estruturais *consoante coronal seguinte* e *realização de /S/*, isoladamente, figuram como significativas.

⁸ Salientamos que, considerando a limitação de espaço e a fim de evitar uma longa apresentação de tabelas que não serão detidamente analisadas, limitamo-nos, nesta seção, a reportar os resultados dos testes de qui-quadrado, que corroboram os resultados dos modelos de regressão, no que diz respeito à não relevância das variáveis discutidas.

Tabela 2 – modelo ordinal para honesto (AIC = 928.68)

Preditores	Coefficientes β (logit)	Intervalos de confiança (95%)	Valores de p
Cons. coronal seguinte			
Nasal (ref.)			
Líquida	0.46	0.09 ~ 0.83	<0.05
Realização de /S/			
Alveolar (ref.)			
Palatal	-0.47	-0.84 ~ -0.09	<0.05

Fonte: elaborado pelos autores

A Tabela 2 informa que, de modo geral, há maior probabilidade de a realização alveolar [z] diante de consoante líquida /l/ – de[z]ligar – ser mais positivamente avaliada na *escala de honestidade*, em comparação a [z] diante de nasal /n/ – ro[z]nar – ($\beta = 0.46$). Em consonância a esse resultado, a realização palatal de /S/ apresenta uma queda na probabilidade de atribuição de altos níveis de *honestidade*, quando preservados os níveis de referência, ou seja, quando o segmento seguinte é nasal – ro[z]nar – ($\beta = -0.47$). Isso significa que, independentemente da consoante subsequente à fricativa, [z] é a realização fonética à qual atitudes mais positivas são vinculadas, considerando o atributo *honesto*.

Essa independência da consoante seguinte não se repete, porém, quando consideramos o atributo *orgulhoso*⁹, cujo modelo de regressão é apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 – modelo ordinal para *orgulhoso* (AIC = 904.18)

Preditores	Coefficientes β (logit)	Intervalos de confiança (95%)	Valores de p
<i>Cons. coronal seguinte</i>			
Nasal (ref.)			
Líquida	0.34	-0.20 ~ 0.89	0.22
<i>Realização de /S/</i>			
Alveolar (ref.)			
Palatal	1.12	0.57 ~ 1.68	<0.05
<i>Realização de /S/ * Cons. coronal seguinte</i>			
Alveolar + Nasal (ref.)			
Palatal + Líquida	-1.10	-1.88 ~ -0.33	<0.05

⁹ Esclarecemos que, embora o planejamento do experimento tenha partido da interpretação do atributo *orgulhoso* como uma característica positiva, não dispomos de recursos que permitam esse tipo de aferimento. Também reforçamos que, em experimentos futuros, consideramos uma delimitação semântica mais específica para esse mesmo atributo.

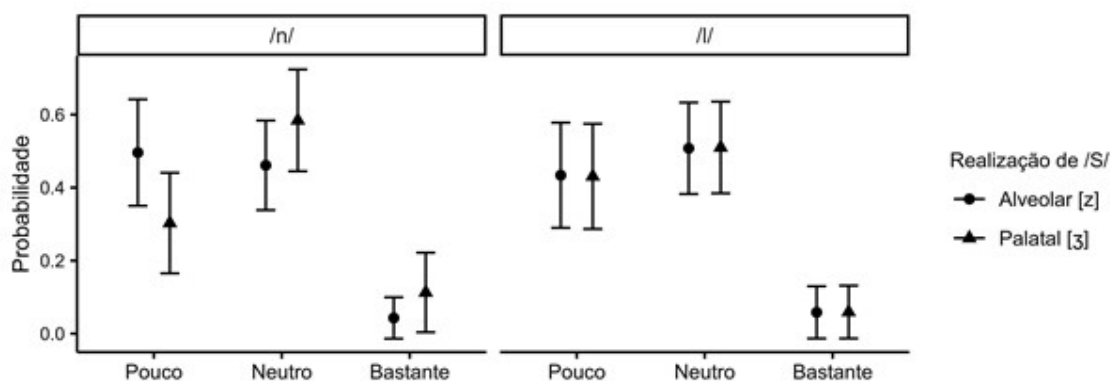
Área de formação			
Letras (ref.)			
Outras	2.90	1.17 ~ 4.62	<0.05
Não informada	1.45	-2.41 ~ 5.33	0.46

Fonte: elaborado pelos autores

Conforme a tabela acima, as variáveis significativas para análise de respostas ao atributo *orgulhoso* são a *área de formação* e a *realização de /S/*, isoladamente e em interação com o *contexto fonético-fonológico seguinte*. No que diz respeito à *realização de /S/*, observamos que, diante de nasal, há maior probabilidade de atribuição de altos níveis na escala à variante palatal –*ro[ʒ]nar*– ($\beta = 1.12$). Entretanto, quando essa mesma variável interage com o *contexto seguinte*, há uma queda na probabilidade de atribuição de altos níveis na escala de *orgulho*, indicando uma avaliação mais negativa de [ʒ] diante de consoante líquida // –*de[ʒ]ligar*–, em comparação a [z] diante de /n/ –*ro[z]nar*.

Na Figura 2, em que são representadas as probabilidades de cada nível da escala ser atribuído aos estímulos, vemos que, diante de //, há equilíbrio entre as probabilidades de o avaliador selecionar níveis mais baixos, intermediários ou mais altos da escala às variantes [z] e [ʒ]. Diante de /n/, por outro lado, é verificada maior probabilidade de se atribuir níveis altos e intermediários à forma palatal, enquanto a alveolar tem maior chance de ser avaliada no nível mais baixo, *pouco*. A comparação de probabilidades de avaliação da variante palatal de acordo com o contexto fonético-fonológico seguinte, por sua vez, demonstra que [ʒ] indicia indivíduos mais orgulhosos quando ocorre diante de /n/ –*ro[ʒ]nar*–, em comparação à ocorrência dessa mesma variante diante de // –*de[ʒ]ligar*.

Figura 2 – probabilidades previstas para o efeito de *realização de /S/* e *segmento seguinte* sobre o atributo *orgulhoso*



Fonte: elaborado pelos autores

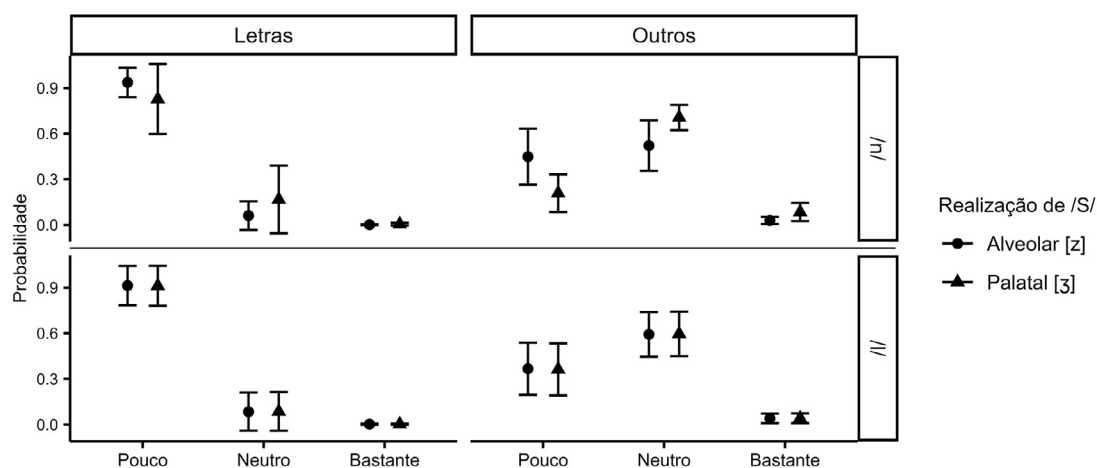
Esses resultados, por um lado, refletem o aparente estado da difusão da palatalização de /S/ em algumas áreas do RN. Conforme Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020), pelo menos nas cidades de Natal e de São José de Mipibu, parte da Região Metropolitana, a dissimilação que resulta em palatalização é mais avançada diante de /n/ do que diante de //.

Portanto, a *frequência*, em termos de produção de fala, pode ser o fator motivador da heterogeneidade avaliativa diante de nasal, uma vez que a forma palatal – *ro*[ʒ]*nar* – é a mais positivamente avaliada nesse contexto, refletindo sua predominância sobre [z], registrada por Cunha e Sales (2020) em respeito à fala mipibuense. Por outro lado, a homogeneidade avaliativa entre [z] e [ʒ] diante de consoante líquida – *de*/S/*ligar* – contrasta com os resultados das pesquisas de produção linguística, uma vez que esse contexto é tratado como inovador nos mencionados estudos. Desse modo, diante de /l/, seria esperado o registro de avaliação mais positiva da variante alveolar, dada sua maior *frequência* na fala da comunidade.

Já no que diz respeito à variável *área de formação*, os resultados da Tabela 3 demonstram que indivíduos da área de Letras tendem a avaliar mais negativamente a realização alveolar de /S/ diante de consoante nasal /n/ – *ro*[z]*nar* –, em oposição aos participantes vinculados às demais áreas de formação, que exibem tendência a uma avaliação mais positiva ($\beta = 2.90$) – com exceção daqueles que não informaram a área do conhecimento a que se vinculam, os quais não se diferenciam significativamente dos participantes da área de Letras.

O resultado mencionado é ilustrado na Figura 3, em que visualizamos que, de fato, os participantes da área de Letras têm um maior potencial de concentração de respostas no nível mais baixo da escala de *orgulho*. Entretanto, no que diz respeito à oposição entre realizações alveolar e palatal, vemos que, independentemente dessa tendência, indivíduos de *todas* as áreas de formação apresentam comportamentos semelhantes, por avaliarem mais positivamente a realização [ʒ] diante de /n/ – *ro*[ʒ]*nar* – e por não apresentarem diferenças avaliativas entre [z] e [ʒ] diante de /l/ – *de*[ʒ]*ligar*, reproduzindo, assim, o mesmo padrão da Figura 2. Ou seja, embora diferentes tendências de concentração de respostas em pontos específicos da escala sejam explicitadas pelo efeito da variável *áreas de formação*, as relações probabilísticas entre as formas alveolar e palatal em cada nível da escala são as mesmas, independentemente da *área* em consideração.

Figura 3 – probabilidades previstas para o efeito de *área de formação* sobre o atributo *orgulhoso*



Fonte: elaborado pelos autores

Passemos à análise do atributo *simpático*, cujas variáveis significativas são *realização de /S/*, *anos de residência* e a interação entre essa mesma variável e a *área de residência* do indivíduo. O modelo de regressão correspondente está disposto na Tabela 4.

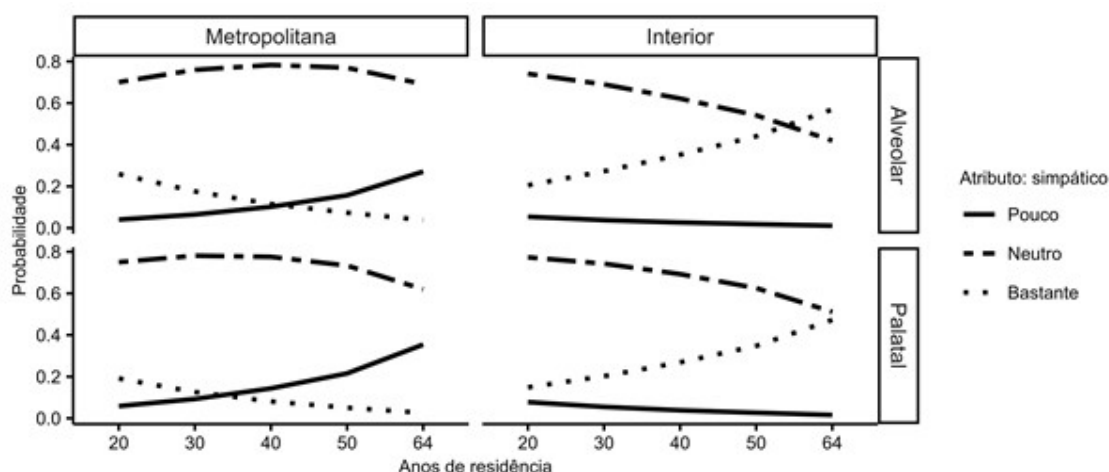
Tabela 4 – modelo ordinal para *simpático* (AIC = 973.86)

Preditores	Coefficientes β (logit)	Intervalos de confiança (95%)	Valores de p
<i>Cons. coronal seguinte</i>			
Nasal (ref.)			
Líquida	0.33	-0.02 ~ 0.69	0.07
<i>Realização de /S/</i>			
Alveolar (ref.)			
Palatal	-0.39	-0.75 ~ -0.03	<0.05
<i>Anos de residência</i>	-0.04	-0.09 ~ 0	<0.05
<i>Área de residência</i>			
Metropolitana (ref.)			
Interior	-2.04	-4.25 ~ 0.16	0.06
Outra UF	-0.48	-4.16 ~ 3.20	0.79
<i>Anos de res. * Área de res.</i>			
Metropolitana (ref.)			
Interior	0.08	0 ~ 0.16	<0.05
Outra UF	-1.51	-3.45 ~ 0.42	0.12

Fonte: elaborado pelos autores

Conforme a tabela acima, a *realização* palatal de /S/ indicia indivíduos menos simpáticos, em comparação à produção alveolar ($\beta = -0.39$), independentemente do modo de articulação do segmento seguinte, variável que não se mostra significativa. Essa diferença avaliativa entre [z] e [ʒ] parece ser ainda menor na Região Metropolitana: embora estímulos com a realização alveolar de /S/ – *ro[z]nar, de[z]ligar* – tendam a ser negativamente avaliados na escala de simpatia conforme aumentam os *anos de residência* nessa localidade ($\beta = -0.04$), a Figura 4 mostra que não são produzidas diferenças significativas nas tendências das curvas correspondentes a [z] e [ʒ]. Em outras palavras, na Região Metropolitana, as produções fonéticas de /S/ não parecem indexar indivíduos mais ou menos simpáticos.

Figura 4 – probabilidades previstas para o efeito de *anos de residência* e *área de residência* sobre o atributo *simpático*



Fonte: elaborado pelos autores

Entre os falantes que residem há mais tempo no interior, contudo, é identificada uma aparente tendência à manutenção da alveolar, pois [z] passa progressivamente a referenciar indivíduos mais simpáticos conforme aumenta seu *tempo de residência* ($\beta = 0.08$). Isso é representado, na Figura 4, pela maior probabilidade de avaliação no nível *bastante* associada à realização alveolar – *ro[z]nar, de[z]ligar* –, que supera o nível *neutro* a partir da marca de 50 anos, aproximadamente. Tal resultado não implica, porém, rejeição da variante [ʒ], que, a exemplo de [z], é mais provavelmente avaliada entre os níveis *neutro* e *bastante*, inclusive pelos falantes mais velhos, mas com predominância de neutralidade.

Passemos à análise dos atributos de *associação geográfica*, *interiorano* e *potiguar*. Os resultados referentes ao primeiro são apresentados na Tabela 5, em que figuram como significativas as variáveis *consoante coronal seguinte* e *naturalidade*.

Tabela 5 – modelo ordinal para *interiorano* (AIC = 1204.14)

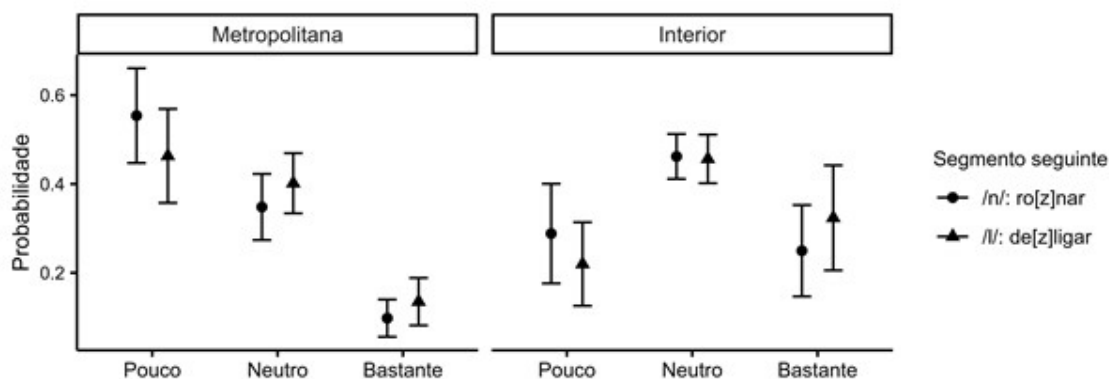
Preditores	Coefficientes β (logit)	Intervalos de confiança (95%)	Valores de p
<i>Cons. coronal seguinte</i>			
Nasal (ref.)			
Líquida	0.36	0.04 ~ 0.68	<0.05
<i>Realização de /S/</i>			
Alveolar (ref.)			
Palatal	-0.11	-0.43 ~ 0.19	0.46
<i>Naturalidade</i>			
Metropolitana (ref.)			
Interior	1.12	0.47 ~ 1.76	<0.05
Outra UF	0.30	-0.73 ~ 1.35	0.56

Fonte: elaborado pelos autores

A Tabela 5 demonstra que a variante alveolar diante de /l/ – *de[z]ligar* – é mais associada à produção de fala interiorana, em comparação ao contexto seguinte caracterizado pela presença de consoante nasal /n/ – *ro[z]nar* – ($\beta = 0.36$). Apesar disso, para aqueles que são naturais do interior, há uma maior probabilidade de reconhecimento da sequência [z] + /n/ como características da fala interiorana ($\beta = 1.12$), quando comparados aos potiguaros naturais da Região Metropolitana.

Essa diferença comportamental, no entanto, é mais quantitativa do que qualitativa. Embora a Tabela 5 diagnostique um incremento na probabilidade associada a [z] + /n/ por parte dos naturais do interior, esse aumento é acompanhado de um acréscimo também na probabilidade associada à sequência [z] + /l/, como demonstra a Figura 5. A análise da figura revela que, ainda que haja diferenças quantitativas entre as probabilidades de acordo com a naturalidade dos respondentes (se nascidos na Região Metropolitana ou no interior), a tendência avaliativa dos indivíduos é a mesma: *de[z]ligar* é a produção que prevalece no nível *bastante* da escala, enquanto *ro[z]nar* é a que predomina no nível *pouco*. Desse resultado, emerge a conclusão de que [z] + /l/ parece representar indivíduos mais interioranos em comparação a [z] + /n/.

Figura 5 – probabilidades previstas de avaliação da variante [z] em relação ao atributo *interiorano* por consoante seguinte e naturalidade



Fonte: elaborado pelos autores

Já em relação ao atributo *potiguar*, as variáveis significativas são *consoante coronal seguinte* e sua interação com *realização de /S/*, além de *anos* e *área de residência*, isoladamente e em conjunto. Na Tabela 6, estão dispostos os coeficientes do modelo de regressão.

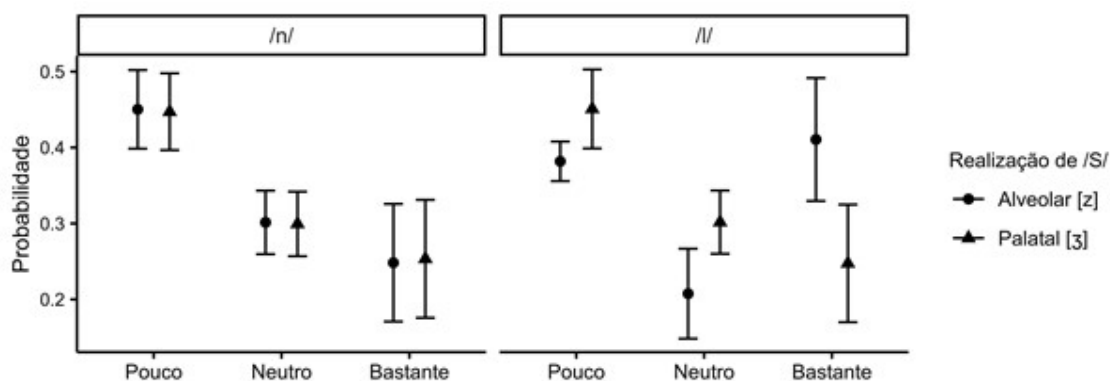
Tabela 6 – modelo ordinal para *potiguar* (AIC = 1156.87)

Preditores	Coefficientes β (logit)	Intervalos de confiança (95%)	Valores de p
<i>Cons. coronal seguinte</i>			
Nasal (ref.)			
Líquida	0.99	0.51 ~ 1.47	<0.05
<i>Realização de /S/</i>			
Alveolar (ref.)			
Palatal	0.03	-0.42 ~ 0.49	0.88
<i>Realização de /S/ * Cons. coronal seguinte</i>			
Alveolar + nasal (ref.)			
Palatal + líquida	-1.03	-1.70 ~ -0.37	<0.05
Anos de residência	-0.04	-0.07 ~ -0.01	<0.05
<i>Área de residência</i>			
Metropolitana (ref.)			
Interior	-1.66	-3.28 ~ -0.05	<0.05
Outra UF	-1.22	-3.87 ~ 1.43	0.36
<i>Anos de residência * Área de residência</i>			
Metropolitana (ref.)			
Interior	0.05	0 ~ 0.11	<0.05
Outra UF	-1.21	-2.73 ~ 0.29	0.36

Fonte: elaborado pelos autores

Os resultados da Tabela 6 indicam que a realização alveolar de /S/ seguida de /l/ – *de*[z] *ligar* – é identificada como mais representativa da comunidade potiguar em comparação a essa mesma realização seguida de nasal – *ro*[z] *nar* – ($\beta = 0.99$). Ou seja, há menor expectativa por uma fricativa alveolar diante de /n/ do que diante de /l/. Congruentemente a isso, a interação dessa variável com a *realização de /S/* demonstra que a forma palatal diante de /l/ – *de*[ʒ] *ligar* – é menos associada à identidade local ($\beta = -1.03$), fato refletido na Figura 6, abaixo, pela baixa probabilidade de o nível mais alto da escala, *bastante*, ser atribuído a estímulos como *de*[ʒ] *ligar*. Conforme a figura, a forma palatal somente supera a alveolar diante de /l/ no nível mais baixo e no intermediário, *pouco* e *neutro*. A Figura 6 demonstra, ainda, que, diante de /n/, as probabilidades associadas a [z] e [ʒ] pouco diferem, embora haja mínima vantagem em favor da alveolar no nível mais alto.

Figura 6 – probabilidades previstas para o efeito de *realização de /S/ e segmento seguinte* sobre o atributo *potiguar*



Fonte: elaborado pelos autores

No que diz respeito às variáveis sociais, o modelo na Tabela 6 informa que, conforme aumentam os *anos de residência* dos indivíduos no local de moradia informado, é reduzida a probabilidade de atribuição de altos níveis da escala à variante alveolar seguida de nasal – *ro[z]nar* – ($\beta = -0.04$). Essa tendência avaliativa da forma alveolar diante de /n/ como pouco característica do RN é mais acentuada entre os residentes do interior, dado o coeficiente negativo associado ($\beta = -1.66$), que denota a maior probabilidade de atribuição de níveis mais baixos da escala à forma alveolar nesse contexto. Porém, a interação com a variável *anos de residência* mostra que aqueles que residem há mais tempo no interior identificam a alveolar nesse contexto como mais potiguar, o que é demonstrado pelo incremento na probabilidade de atribuição de níveis mais altos da escala ($\beta = 0.05$).

Esses resultados sugerem que a palatalização diante de /n/ – *ro[ʒ]nar* – parece estar tão bem estabelecida na fala dos potiguares a ponto de potencialmente motivar a perda de valor da forma alveolar – *ro[z]nar* – como representativa de sua própria fala, exceto entre aqueles que residem há mais tempo no interior do estado, que preservam uma avaliação positiva de realizações como *ro[z]nar*. Essas tendências refletem o processo de mudança frente à difusão da palatalização no RN. Pessoa (1986, 1991) registra baixa porcentagem de ocorrência de formas palatais diante de consoante nasal na fala de Natal (14%)¹⁰, que se limita a sílabas mediais, ao passo em que Cunha e Sales (2020) registram predominância da forma palatal na fala de seus informantes, tanto em sílaba medial quanto em junção de palavras, embora /S/ + /n/ seja ainda um contexto de variação. A partir disso, entendemos que a palatalização diante de /n/ está em processo de expansão de frequência e que a percepção dos informantes parece acompanhar (e refletir) esse alargamento.

¹⁰ Esse percentual inclui também a palatalização diante de consoante líquida, o que reforça a baixa produtividade de formas palatais diante de soantes à época da pesquisa. Percentuais específicos de acordo com o modo de articulação não são fornecidos pela autora.

5 Atribuição de faixa etária

A tarefa de atribuição de faixa etária envolveu a correlação de cada estímulo ouvido a uma de cinco faixas prováveis do indivíduo cuja voz foi ouvida: adolescente, 20-29, 30-39, 40-49 e acima de 50 anos. O modelo de análise correspondente, apresentado na Tabela 7, apresenta efeitos significativos das variáveis *consoante coronal seguinte* e *idade*.

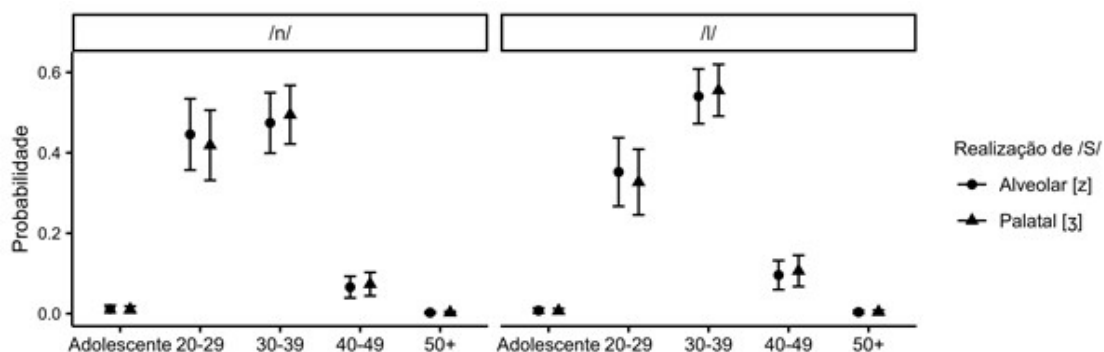
Tabela 7 – modelo ordinal para *faixa etária* (AIC = 1246.27)

Preditores	Coefficientes β (logit)	Intervalos de confiança (95%)	Valores de p
<i>Cons. coronal seguinte</i>			
Nasal (ref.)			
Líquida	0.41	0.09 ~ 0.73	<0.05
<i>Realização de /S/</i>			
Alveolar (ref.)			
Palatal	0.11	-0.20 ~ 0.43	0.47
<i>Sexo do respondente</i>			
Feminino (ref.)			
Masculino	-0.53	-1.11 ~ 0.05	0.07
<i>Idade</i>	-0.03	0 ~ 0.05	<0.05

Fonte: elaborado pelos autores

No que diz respeito à variável *idade*, o modelo da Tabela 7 sugere uma tendência descendente conforme avança a idade dos indivíduos. Ou seja, é mais provável que os indivíduos mais velhos atribuam faixas etárias mais baixas aos estímulos de produção alveolar diante de /n/ – ro[z]nar ($\beta = -0.03$). A Tabela 7 também informa que, diante de consoante líquida, esses mesmos indivíduos tendem a atribuir faixas etárias mais elevadas à realização alveolar de /S/ – de[z]ligar–, em comparação a essa mesma realização diante de nasal – ro[z]nar– ($\beta = 0.41$). Na Figura 7, isso pode ser visualizado pelas probabilidades levemente mais altas associadas à forma alveolar diante de /l/, especialmente nas faixas de 30-39 e 40-49 anos.

Figura 7 – probabilidades previstas para a atribuição de faixas etárias a [z, ʒ] em função do segmento seguinte



Fonte: elaborado pelos autores

A figura também demonstra que, apesar da mencionada diferença, independentemente do segmento que sucede a fricativa, os estímulos tendem a ser associados, respectivamente, às faixas de 20-29 e 30-39 anos. As diferenças probabilísticas, no entanto, não apresentam relevância estatística, como mostra o modelo da Tabela 7, sugerindo, assim, que os fonemas [z] e [ʒ] não necessariamente indiciam indivíduos falantes de uma faixa etária determinada.

Uma vez que há coincidência entre os picos de probabilidade nas faixas etárias mais centrais e a idade aproximada dos leitores responsáveis pela oralização dos estímulos sonoros que integraram a pesquisa (20 a 30 anos), conjecturamos a possibilidade de interferência de fatores fisiológicos nas respostas a esta atividade de coleta, que pode motivar a distribuição exibida na Figura 7.

6 Atribuição de naturalidade

A tarefa de atribuição de naturalidade envolveu a associação de cada estímulo ouvido pelos respondentes da pesquisa a uma de quatro áreas geográficas, conforme mencionado na seção de descrição metodológica (cf. Figura 1). Abaixo, no Quadro 4, são retomadas as categorias geográficas consideradas.

Quadro 4 – agrupamentos geográficos

Área	Cidades	Descrição
Interiorana	Caicó Angicos Pau dos Ferros	Área mais interiorana.
Metropolitana II	Macaíba Extremoz São José	Área com nível intermediário de metropolitanidade.
Metropolitana I	Natal Parnamirim São Gonçalo	Área mais metropolitana.
Outra UF	–	Qualquer outro estado brasileiro.

Fonte: elaborado pelos autores

Uma vez que a variável *naturalidade* se diferencia das demais por não haver ordenação intrínseca entre seus níveis, a ferramenta de análise empregada também foi diferente. Utilizamos, nesse caso, modelos de regressão logística multinomial. Apesar da diferença, o *output* dessa técnica se assemelha ao que foi apresentado para outras variáveis discutidas, já que são todas classes de regressão logística. Na regressão multinomial, a exemplo da ordinal, os coeficientes são fornecidos em *Logodds*. Logo, a interpretação dos resultados segue raciocínio semelhante: coeficientes acima de zero favorecem a variável em análise, enquanto coeficientes abaixo de zero a desfavorecem.

Na Tabela 8, são apresentados os resultados do modelo para a variável discutida nesta seção. A tabela é seguida da discussão dos resultados, com explicação dos pormenores interpretativos do método utilizado.

Tabela 8 – modelo multinomial para *naturalidade* (AIC = 1507)

Preditores ($p \leq 0.05 = **$)	Naturalidade atribuída (ref.: Metropolitana I)		
	Interior ($\beta = -1.33$)	Metropolitana II ($\beta = -1.34$)	Outra UF ($\beta = -1.07$)
<i>Realização de /S/</i>			
Alveolar (ref.)			
Palatal	-0.16	0.29	0.06
<i>Cons. coronal seguinte</i>			
Nasal (ref.)			
Líquida	-0.01	0.61	-1.26* -2.33
<i>Realização de /S/ * Cons. coronal seguinte</i>			
Alveolar + Nasal (ref.)			
Palatal + Líquida	0.44	-0.44	1.47* 0.40
Esquema de leitura: coeficiente significativo* soma ao <i>intercept</i>			

Fonte: elaborado pelos autores

A primeira coluna da Tabela 8 contém as variáveis previsoras que integram o modelo. As demais colunas, por sua vez, representam os *intercepts*, isto é, as probabilidades de o respondente atribuir um estímulo aos diversos níveis da variável dependente *naturalidade*, quando todas as variáveis previsoras estão em seus respectivos níveis de referência. Como informado no topo da tabela, o nível de referência assumido para *naturalidade* é a área *Metropolitana I*, que é representada pelas cidades de Natal, Parnamirim e São Gonçalo. As colunas de *intercepts* da Tabela 8, portanto, correspondem às comparações entre os demais níveis da variável dependente e a categoria de referência. Assim, os coeficientes (β) da coluna *Outra UF*, por exemplo, representam numericamente, em *Logodds*, a probabilidade de o respondente associar estímulos a essa categoria em detrimento da *Metropolitana I*. A visualização dos efeitos das variáveis independentes, no entanto, é obtida da soma do *intercept* ao coeficiente de cada

previsor. Na tabela, o resultado da soma dos coeficientes dos previsores significativos é diretamente apresentado à direita da barra vertical, conforme o esquema *coeficiente* | soma*¹¹.

A análise da Tabela 8 revela que as formas [z, ʒ] não parecem ser interpretadas pelos potiguares como características de uma área específica do RN, uma vez que nenhuma variável previsora apresentou efeito significativo na comparação entre Área Metropolitana I e, respectivamente, Interior e Área Metropolitana II. A partir disso, interpretamos que, macrossocialmente, a baixa saliência social das possibilidades fonéticas de /S/ focalizadas desfavorece sua emergência como índice de um grupo social geograficamente delimitado. Esse resultado está em consonância com a baixa força avaliativa das realizações de /S/ hipotetizada a partir da exclusão de diversas variáveis da análise, como consequência dos resultados dos testes de qui-quadrado apresentados na Tabela 1.

Os únicos efeitos significativos na Tabela 8 são referentes à comparação entre Área Metropolitana I e Outra UF, mostrando que a realização alveolar diante de líquida – *de[z] ligar* – tem menor probabilidade de ser associada à fala de outros estados ($\beta = -2.33$), ou seja, é considerada mais típica da fala local. Além disso, a realização palatal diante de líquida – *de[ʒ]ligar* – é rejeitada como uma característica da Região Metropolitana de Natal, motivo por que é mais provavelmente associada à fala de outros estados ($\beta = 0.40$). Esse resultado se assemelha ao identificado para o atributo *potiguar*, o que mostra certa homogeneidade na rejeição do contexto mais inovador de palatalização no RN, a sequência [ʒ] + /l/, como uma marca da comunidade.

7 Escala de similaridade

Por fim, analisamos as respostas à *escala de similaridade de fala*, tarefa que exigiu dos participantes o ranqueamento dos estímulos em uma escala de seis pontos, de acordo com o grau de semelhança entre o estímulo ouvido e sua própria fala. Conforme exposto na Tabela 9, as variáveis significativas para análise das respostas são a interação entre *realização de /S/ e consoante coronal seguinte* e a *área de formação* dos indivíduos.

Tabela 9 – modelo ordinal para *similaridade de fala* (AIC = 1149.09)

Preditores	Coefficientes β (logit)	Intervalos de confiança (95%)	Valores de p
<i>Cons. coronal seguinte</i>			
Nasal (ref.)			
Líquida	0.43	-0.03 ~ 0.89	0.07
<i>Realização de /S/</i>			
Alveolar (ref.)			

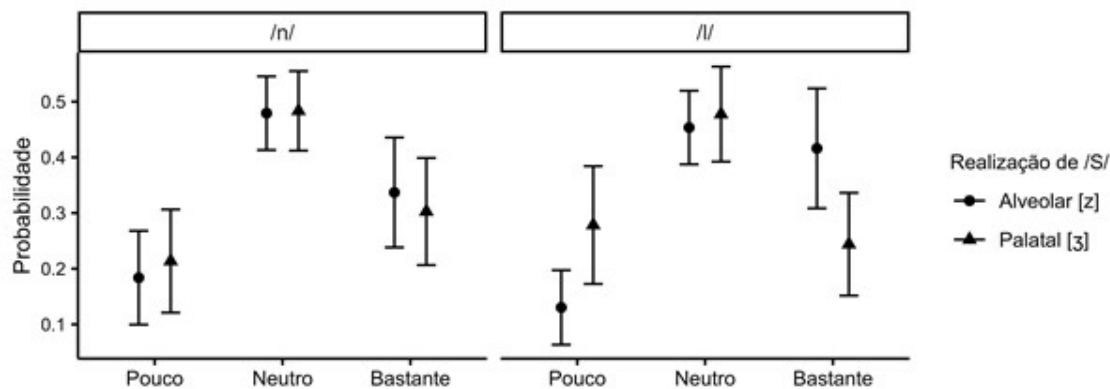
¹¹ De agora em diante, na discussão dos resultados para a variável naturalidade, fazemos sempre referência ao resultado da soma dos coeficientes a seus intercepts, ainda que isso não seja diretamente anunciado em cada menção.

Palatal	-0.20	-0.66 ~ 0.25	0.38
Realização de /S/ * Cons. coronal seguinte			
Alveolar + Nasal (ref.)			
Palatal + Líquida	-0.81	-1.47 ~ -0.15	<0.05
Área de formação			
Letras (ref.)			
Outras	-1.55	-2.56 ~ -0.54	<0.05
Não informada	1.21	-1.39 ~ 3.82	0.36

Fonte: elaborado pelos autores

De acordo com a tabela acima, a realização palatal de /S/ diante de consoante líquida – *de[z]ligar* – tende a ser avaliada em níveis mais baixos na escala de semelhança, em comparação à alveolar diante de nasal ($\beta = -0.81$). A variante palatal parece ser mais aceita diante de /n/, como exibido na Figura 8, abaixo, a qual explicita que, nesse contexto, [z] e [ʒ] têm avaliações bastante equilibradas, com leve favorecimento da forma alveolar – *ro[z]nar* – no nível mais alto de identificação. Já diante de /l/, é evidente a aproximação dos respondentes com a forma alveolar, somada à rejeição da produção palatal – *de[z]ligar* – como uma característica local.

Figura 8 – probabilidades previstas para o efeito de realização de /S/ e segmento seguinte sobre similaridade de fala



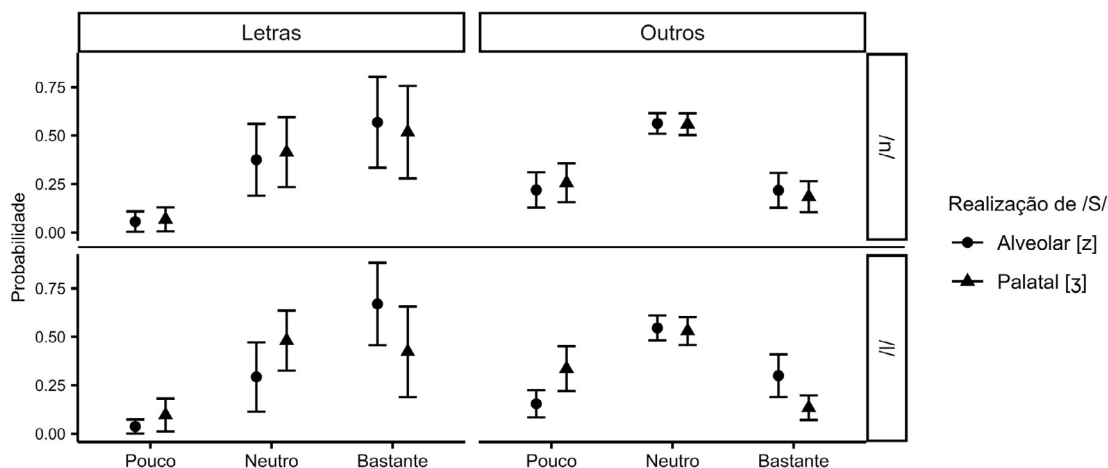
Fonte: elaborado pelos autores

Tais resultados estão em conformidade com as análises anteriormente relatadas neste trabalho, as quais sugerem que a sequência [ʒ] + /l/ é pouco representativa do atributo *potiguar* e mais associada à fala de outros estados. Parece haver, portanto, certo alinhamento entre a percepção dos informantes e a distribuição, descrita por Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020), do processo dissimilatório que envolve a fricativa na fala local.

Em relação aos fatores socioculturais, o modelo da Tabela 9 destaca como significativo o efeito da *área de formação*. A diferença negativa entre as respostas dos indivíduos de Letras e as dos respondentes de outras áreas demonstra que os últimos registram uma menor identificação com a variante alveolar diante de nasal – *ro[z]nar* – ($\beta = -1.55$). Contudo, como

explicitado na Figura 9 (e como identificado em todos os casos em que a variável focalizada se mostrou significativa nas análises empreendidas neste artigo), não é registrada diferença qualitativa entre as avaliações de formas alveolares e palatais, quando comparadas as probabilidades associadas às respostas de indivíduos das diferentes áreas de formação.

Figura 9 – probabilidades previstas para o efeito de *área de formação* sobre *similaridade de fala*



Fonte: elaborado pelos autores

A análise da figura acima revela que tanto indivíduos vinculados à área de Letras quanto aqueles vinculados a outras áreas apresentam avaliação razoavelmente homogênea das formas [z, ʒ] diante de /n/ e leve preferência por [z] diante de /l/ – dadas as mais altas probabilidades associadas a [z] no nível *bastante* e a [ʒ] no nível *pouco*. O comportamento diferenciado é explicado pelo fato de os participantes de outras áreas tenderem à neutralidade, concentrando suas respostas no nível intermediário, *neutro*, ao passo em que os de Letras tendem a concentrar suas respostas no nível mais alto, *bastante*. Apesar dessa diferença, as distribuições probabilísticas na Figura 9 reforçam que, diante de /n/, as realizações de /S/ são mutuamente aceitas como características da fala local. Já diante de /l/, a produção alveolar – *de[z]ligar* – é a com que os indivíduos mais se identificam, a exemplo do que registra a Figura 8, independentemente da área de formação.

8 Discussão dos resultados

A análise das respostas dos participantes evidencia que a variação [z]~[ʒ] em coda silábica diante das consoantes /n/ e /l/ – *rosnar, desligar* – não parece ser tão saliente socialmente. A primeira evidência em favor dessa interpretação advém da exclusão, da análise, de quase 40% das variáveis dependentes, pelo fato de os dados não variarem de acordo com o fenômeno linguístico focalizado. Não coincidentemente, as variáveis excluídas são, majoritariamente, aquelas que denotam índices de *competência pessoal* e de *prestígio socioeconômico*: *inteligente, desenrolado, elegante, escolaridade e atividade profissional*. Essas categorias parecem ser bastante expressivas do valor social de variantes linguísticas, como evidenciam os exames de julga-

mento das realizações de /t, d/ na fala do RN, desenvolvidos nos trabalhos de Sales e Batista da Silveira (2022, 2024). Esses estudos demonstram que a avaliação das variantes palatais [tʃ, dʒ], refletida convergentemente pelas referidas categorias, varia amplamente em função da direção de assimilação, sendo a palatalização progressiva – *doi[dʒ]o* – mais associada à fala de pessoas *menos inteligentes, menos desenroladas, menos elegantes, menos escolarizadas* e que desempenham *profissões menos prestigiadas*.

Tal observação é corroborada pelos estudos de Avelheda Bandeira (2019) e de Souza (2017), que investigam a avaliação social do alteamento de vogais pretônicas em comunidades fluminenses, como nos exemplos *m[e]dida ~ m[i]dida* e *c[o]zinha ~ c[u]zinha*. Ambas as autoras identificam que as realizações alteadas [i, u] são atribuídas à fala de pessoas com menor nível de escolaridade e ligadas a ocupações como *carteiro, gari* e *pedreiro*. Já as formas com as variantes médias altas [e, o] caracterizam a fala de indivíduos com ensino superior e que desempenham profissões que exigem maior grau de formação acadêmica, como *professor, médico* e *advogado*.

A partir dessas constatações, entendemos que a não indexação de categorias ligadas a aspectos de *competência pessoal* e de *prestígio socioeconômico* pelas realizações [z] e [ʒ] da fricativa /S/ é um indicativo de sua (ainda) tímida saliência social, que implica baixa força avaliativa. Além disso, a maior parte das análises de respostas às categorias significativas não apresenta potencial de constituir uma unidade, como Sales e Batista da Silveira (2022, 2024) verificam em relação aos valores sociais das realizações de /t, d/ na mesma comunidade. Por exemplo, nossa análise da variável *naturalidade* mostra que as realizações alveolar e palatal de /S/ não parecem delimitar uma região geográfica específica do RN. Em outras palavras, essas produções não são associadas a uma fala mais ou menos metropolitana. No entanto, embora as respostas à escala de *interioridade* também não sugiram diferenças na comparação entre as formas [z] e [ʒ], é detectada uma maior identificação da realização alveolar diante de /l/ – *de[z]ligar* – como uma marca de fala interiorana, em comparação a essa mesma realização diante de /n/ – *ro[z]nar*.

Do mesmo modo, as realizações alveolar e palatal diante de /n/ – *ro[z]nar ~ ro[ʒ]nar* – parecem ser avaliadas de maneira razoavelmente equilibrada no que diz respeito à caracterização da identidade local, inferida pelas respostas ao atributo *potiguar* e à escala de *similaridade de fala*. Esse equilíbrio, porém, não é mantido quando consideramos os atributos *honesto* e *simpático*, em que [z] é a variante preferida, independentemente do segmento seguinte. No que diz respeito ao último atributo, contudo, a preferência por [z] é uma particularidade dos falantes que *residem há mais tempo no interior* do estado. Aqueles que residem na *Região Metropolitana* não demonstram qualquer mudança comportamental em função do *tempo de residência*, mantendo uma avaliação homogênea das realizações alveolar e palatal diante de consoante nasal – *ro/S/nar*.

A tendência conservadora dos residentes do interior também é identificada nas respostas ao atributo *potiguar*. Apesar da estabilidade avaliativa das realizações [z] e [ʒ] diante de /n/, quando incorporamos o efeito das variáveis *tempo* e *área de residência*, vemos que, no geral, a forma alveolar tende a ser considerada menos característica da fala local conforme avançam os *anos de residência*, exceto entre os falantes que moram há mais tempo no interior do estado.

A mencionada divergência se mantém, ainda, na análise do atributo *orgulhoso*, em que [ʒ] demonstra ser a variante mais positivamente avaliada. Vemos, assim, que os valores sociais das realizações variáveis de /S/ diante de /n/ – *ro/S/nar* – são aparentemente dispersos,

o que pode ser um indício de sua baixa saliência social. Diante de consoante nasal, mesmo nos casos em que uma realização de /S/ é subjetivamente preferida em relação à outra, as diferenças probabilísticas identificadas são mínimas. Esse resultado contrasta com a literatura de produção linguística, a qual indica que, pelo menos na cidade potiguar de São José de Mipibu, a palatalização de /S/ diante de /n/ é majoritária (Cunha; Sales, 2020).

Apesar das diversas divergências avaliativas apresentadas, as análises delineadas também apontam convergências. A realização palatal diante /l/ – *de[ʒ]ligar* – é unanimemente rejeitada como uma característica da fala local, fato atestado pelas respostas ao atributo *potiguar*, pela tarefa de *atribuição de naturalidade* e pela *escala de similaridade de fala*. Essa rejeição da variante [ʒ], quando seguida de consoante líquida, pode ser atribuída a seu caráter inovador, observado nas pesquisas de Cunha e Silva (2019) e Cunha e Sales (2020). Assim, o comportamento avaliativo identificado é explicado pela maior frequência, em termos de produção de fala, da realização alveolar no contexto fonético-fonológico delimitado – *de[z]ligar*. A única exceção a esse comportamento são as respostas ao atributo *orgulhoso*, em que não é identificada diferença avaliativa entre as formas [z] e [ʒ]. No entanto, esse resultado, especificamente, deve ser relativizado, uma vez que não estabelecemos controle explícito da interpretação desse atributo, por parte dos respondentes, como uma característica positiva ou negativa.

Por fim, as análises mostraram efeito significativo da variável *área de formação* sobre duas de nossas variáveis dependentes, o atributo *orgulhoso* e a *escala de similaridade de fala*. Entretanto, nos dois casos, identificamos que a *área de formação* parece gerar distinções somente em relação à tendência de atribuição de níveis da escala, isto é, se os indivíduos tendem à neutralidade ou às extremidades. Esse efeito, contudo, não afeta os padrões avaliativos das realizações alveolar e palatal de /S/. Ou seja, qualitativamente, os participantes mostram convergência em suas avaliações, independentemente de seus diferentes cursos superiores.

9 Conclusão

Este trabalho pretendeu delimitar os valores sociais indexados às realizações alveolar e palatal do arquifonema fricativo /S/ diante de soantes (*rosnar*, *desligar*) no estado brasileiro do Rio Grande do Norte. As análises das respostas ao questionário revelaram que, diante de consoante nasal – *rosnar* –, as realizações [z] e [ʒ] não parecem veicular valores sociais bem definidos, uma vez que as tendências avaliativas são bastante variadas, favorecendo ora [z] – produção associada a indivíduos mais *honestos* e *simpáticos* –, ora [ʒ] – característica de indivíduos mais *orgulhosos*. Há, ainda, casos em que as duas possibilidades articulatórias são equilibradamente avaliadas, sem que haja diferenciação significativa, como é o caso do atributo *potiguar* e da escala de *similaridade de fala*.

O referido equilíbrio em relação à caracterização da identidade potiguar só é perturbado quando incluída a interação entre *anos* e *local de residência*, cujo efeito revela que a forma alveolar – *ro[z]nar* – tende a ser considerada menos representativa da comunidade, conforme aumenta o *tempo de residência*, exceto entre aqueles que vivem há mais tempo no interior do estado, que preservam uma avaliação positiva da forma [z]. Tal comportamento, caracterizado como conservador, é oposto ao estado da difusão da palatalização diante de /n/, cuja competição ao longo do tempo parece favorecer a variante [ʒ] (Pessoa, 1986; 1991; Cunha; Sales, 2020; Cunha; Silva, 2019).

Por sua vez, diante //, a realização palatal de /S/ – *de[ʒ]ligar* – é definitivamente rejeitada como uma característica da fala local. Nesse contexto, [ʒ] é a produção fonética considerada menos representativa do atributo *potiguar* e com a qual os participantes manifestam menos identificação na escala de *similaridade de fala*. Há, portanto, confluência entre a avaliação dos correspondentes fonéticos de /S/ diante de // e as descrições de produção linguística, que caracterizam o contexto /S/ + // como o mais inovador de ocorrência de palatalização (Cunha; Sales, 2020; Cunha, Silva, 2019;), potencial motivação do comportamento avaliativo identificado.

De acordo com os resultados apresentados, nossa hipótese de que, diante de /n/, atitudes mais positivas seriam associadas à variante palatal – *ro[ʒ]nar* – não se confirma, uma vez que, no geral, não é identificada preferência por uma das realizações nesse contexto. Quando um dos correspondentes fonéticos de /S/ supera seu concorrente, os valores veiculados são dispersos, ora favorecendo [z], ora [ʒ].

Também não se confirma a hipótese de que, diante de //, a forma alveolar – *de[z]ligar* – é mais positivamente avaliada por falantes naturais da Região Metropolitana de Natal, enquanto a produção palatal – *de[ʒ]ligar* – indicia valores mais positivos para os falantes naturais do interior. Essa conclusão advém dos fatos de 1. a variável independente *naturalidade do respondente* não ter sido um fator significativo em nenhuma das análises e de 2. a variável dependente *atribuição de naturalidade* não ter revelado nenhum tipo de oposição entre áreas geográficas do RN, em função da realização da fricativa. A área interiorana, no entanto, mostra preferir a variante [z] em alguns casos. Esse efeito, porém, não afeta esse grupo de maneira uniforme, uma vez que essa preferência é manifestada somente entre aqueles que *residem há mais tempo* na região.

As realizações de /S/, portanto, parecem ser formas pouco salientes na comunidade, principalmente quando comparadas aos correspondentes fonéticos de /t, d/, cujos valores sociais na comunidade potiguar já são descritos na literatura. Apesar da baixa saliência, em ambos os casos (o da fricativa e o das oclusivas), o contexto fonético-fonológico (caracterizado pela consoante seguinte, no caso de /S/, e pela direção de assimilação, no caso de /t, d/) é fator determinante da avaliação subjetiva das realizações alveolar e palatal das formas abstratas em discussão.

Declaração de autoria

Ambos os autores participaram integralmente das etapas da pesquisa: a concepção, a coleta de dados, a análise e a discussão de resultados.

Referências

- ALBANO, E. C. Representações fonética e fonológica: rumo à parcimônia. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, v. 37, p. 93-103, 1999. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v37i0.8636933>
- AVELHEDA BANDEIRA, A. C. C. *Alteamento pretônico no município do Rio de Janeiro: avaliação subjetiva e fatores condicionantes*. 2019. 282f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://posvernaculas.lettras.ufrj.br/teses-quadrenio-2020-2017/>>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- BEZERRA, G. S. D. *Significado social da palatalização no RN: atitudes linguísticas de falantes potiguarres*. Rio de Janeiro, 2023. 147f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <<https://posvernaculas.lettras.ufrj.br/dissertacoes-2021/>>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: ABAURRE, M. B. *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 167-194.
- CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015 [1970].
- CHRISTENSEN, R. H. B. *Ordinal: regression models for ordinal data*. 2019. Pacote R versão 2019.12-10. Disponível em: <<https://CRAN.R-project.org/package=ordinal>>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- CUNHA, C. M.; SALES, G. Produção do /s/ pós-vocálico em São José de Mipibu-RN. *Revista do GELNE*, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 78–92, 2020. DOI: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2020v22n2ID19297>
- CUNHA, C. M.; SILVA, P. S. M. A palatalização do /S/ em coda em registro de fala natalense. In: HORA, D. et al. *Estudos Linguísticos (teorias e aplicações): Contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – AFAL*. São Paulo: Terracota, 2019. p. 45-62. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/sites/default/files/revista/Estudos_Linguisticos_2018_ALFAL.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- ELFF, M. *Mclogit: Multinomial Logit Models, with or without Random Effects or Overdispersion*. 2022. Pacote R versão 0.9.4.2. Disponível em: <<https://CRAN.R-project.org/package=mclogit>>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAMBERT, W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of abnormal and social psychology*, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960. DOI: <https://doi.org/10.1037/h0044430>
- LEITE, Y. *Portuguese stress and related rules*. 1974. 304f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Texas at Austin, Austin, 1974.
- LOPEZ, B. S. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. 1979. 258f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of California, Los Angeles, 1979.
- PESSOA, M. A. F. C. O s pós-vocálico na fala de Natal. In: *I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil*. Salvador: UFBA. Anais do I Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil Salvador: 1986. p. 209-216
- PESSOA, M. A. F. C. A pronúncia natalense: o -s pós-vocálico. *Revista vivência (UFRN)*, v. 4, n. 3, p. 7-21, 1991.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. Versão 4.0.4. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing, 2022. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

SALES, G.; BATISTA DA SILVEIRA, E. F. Indexação social da palatalização de /t, d/ contíguos a ditongo no RN: considerações complementares. In: ABRAÇADO, J. *et al. Estudos sobre o português em uso II*. Campinas: Pontes Editora, 2024. p. 279-294.

SALES, G.; BATISTA DA SILVEIRA, E. F. Percepção sociolinguística da palatalização de /t/ e /d/ próximos a ditongo no Rio Grande do Norte. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 16, n. 34, p. 106-125, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v16i34.38332>

SOUZA, S. C. G. *Alteamento das vogais médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: décadas de 70, 90 e 2010 / estudo de crenças e atitudes*. 2017. 293f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://posvernaculas.lettras.ufrj.br/quadrenio-2020-2017/>>. Acesso em: 24 jul. 2024.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].